


Bloco de Notas

O “erro” dos “sábios”

A opção de ter pedido a três “sábios” para avaliarem a evolução da situação na Áustria com a extrema-direita no poder foi a pior que a União Europeia poderia ter tomado, escreve o filósofo e professor de teoria política na Universidade de Viena, Oliver Marchart, num artigo no “*Libération*” (13/9). Para Marchart, não há quaisquer dúvidas de que o relatório dos “sábios” e o conseqüente levantamento das sanções impostas à Áustria quando o FPÖ de Joerg Haider integrou o Governo ao lado dos conservadores, “abriram a porta ao radicalismo de direita e ao racismo político”, que se vêem assim “definitivamente banalizados e legitimados”. Marchart considera que houve uma desdramatização do problema, que permitiu à UE salvar a face e evitar uma crise interna, mas que terá um efeito muito negativo noutros países: a Itália, por exemplo, onde “assistiremos brevemente à constituição de um governo agrupando três ‘partidos populistas de direita com elementos extremistas’”, a expressão utilizada pelos “sábios” para caracterizar o FPÖ. Ao optar pela “sabedoria”, a União evitou uma verdadeira atitude política, escreve Marchart. 



Portugal não se afunda

O boletim “*Jane’s Foreign Report*” (7/9) faz uma avaliação da situação de Portugal, referindo que o alargamento da União Europeia aos países de Leste está a criar alguma preocupação nos portugueses. O actual pacote de fundos comunitários é, se-

gundo Diogo Alarco do ICEP, citado no relatório, “a última oportunidade para ultrapassar o fosso com o resto da Europa”. “Depois estamos entregues a nós próprios”, afirma. O ICEP já começou a adaptar-se à futura concorrência, introduzindo uma alteração subtil no material promocional destinado às empresas, que descrevia Portugal como tendo “os mais baixos custos operacionais da Europa”, e que passou a dizer da “Europa Ocidental”. A

“*Jane’s*” conclui que Portugal “está a navegar em mares agitados”, mas “não está prestes a afundar-se”. “Tem uma longa experiência em navegação”. 





O fracasso da OPEP

Numa altura em que a subida dos preços do petróleo está a provocar uma crise internacional, o “*El País*” (17/9) convidou dois peritos, Miguel Á. Fernández Ordóñez e Ángel Laborda, para escreverem sobre a Organização dos Países Produtores de Petróleo, a OPEP, que tem estado no centro de todas as notícias sobre o assunto. A conclusão de ambos é que, como cartel, a


OPEP funciona bastante mal. Um grupo que tem como lema “cooperação e estabilidade”, não consegue manter os preços estáveis, o que representa um completo fracasso, defende Ordóñez. Isto acontece porque há inúmeros factores que escapam ao controlo dos membros da OPEP, desde os níveis de produção de outros países não-membros até à evolução da procura, passando pelas crises económicas em certas regiões. Lembrando que o cartel produz apenas 40 por cento do petróleo que se consome no mundo, Laborda explica por



seu lado que embora “a OPEP tenha recuperado algum protagonismo nos mercados”, o aumento dos preços obedece mais a factores como a forte recuperação económica mundial em 1999, que surge depois de um período de desaceleração e de crise dos países emergentes. 


“Nascimento de uma monarquia petrolífera?” era o título de um artigo do último número de Agosto da “*Jeune Afrique/L’Intelligent*” sobre Marrocos. O tom era de optimismo. A região de Talsint, na parte oriental de Marrocos, “parece o Far West” depois do rei Mohammed VI ter anunciado a descoberta de petróleo “em quantidade abundante”. Mas no número seguinte, a mesma revista mudava de tom. O sonho dos marroquinos “derrete-se como neve ao sol” depois de uma “febre perfeitamente artificial”. Ninguém sabe ao certo qual o potencial petrolífero do reino e serão precisos pelo menos três anos de grandes investimentos para poder começar a perceber se Marrocos será ou não uma monarquia petrolífera. 

O sonho adiado dos marroquinos

“Nascimento de uma monarquia petrolífera?” era o título de um artigo do último número de Agosto da “*Jeune Afrique/L’Intelligent*” sobre Marrocos. O tom era de optimismo. A região de Talsint, na parte oriental de Marrocos, “parece o Far West” depois do rei Mohammed VI ter anunciado a descoberta de petróleo “em quantidade abundante”. Mas no número seguinte, a mesma revista mudava de tom. O sonho dos marroquinos “derrete-se como neve ao sol” depois de uma “febre perfeitamente artificial”. Ninguém sabe ao certo qual o potencial petrolífero do reino e serão precisos pelo menos três anos de grandes investimentos para poder começar a perceber se Marrocos será ou não uma monarquia petrolífera. 



Conselhos a Mbeki

Se Thabo Mbeki quer que a África do Sul seja influente no palco mundial, o esforço tem que começar junto dos países vizinhos. É este o conselho que a “*Economist*” (2/9) dá ao Presidente sul-africano. Ao contrário do seu antecessor Nelson Mandela, Mbeki “não tem uma aura de santo”, mas “parece ter uma visão mais ambiciosa e ampla da capacidade do seu país para mudar o mundo”. Para isso tem que perceber que o desenvolvimento económico da África do Sul será um motor determinante para os que estão à volta, e que a sua prática democrática tem que ser um exemplo. A “*Economist*” aponta algumas falhas na política regional de Mbeki, lembrando que o Exército sul-africano não conseguiu pôr ordem no Lesoto em 1998, e “certamente não conseguirá acalmar o Congo se as partes em conflito não estiverem genuinamente decididas a pôr termo à violência”. 



Coordenação: Alexandra Prado Coelho